

CADERNO JU

N.º 12 - EDIÇÃO 163 - SETEMBRO DE 2013



A reprodução impressa num livro, a imagem digitalizada publicada na internet ou a projeção de um slide são alternativas de contato com a arte que, de forma alguma, dão conta da completude desse gênero de objeto, não permitindo apreender ou sentir o que é possível quando se está diante do trabalho original do artista. É por isso que os futuros bacharéis em História da Arte formados pela UFRGS têm participado, anualmente desde 2011, de viagens de estudo. Na edição deste ano, a expedição foi ao Rio de Janeiro, com vistas a conhecer o patrimônio histórico, artístico e cultural daquela que foi outrora a capital do país e que, por isso, detém obras ímpares no que se refere, sobretudo, à produção artística dos séculos XIX e XX. Igrejas, museus, casas-museu, antigas fazendas de café, edifícios, teatros, instituições culturais, espaços públicos, entre outros lugares da capital e de outras regiões do estado, serviram para que o grupo formado por acadêmicos e professores da Universidade pudesse buscar apreender obras de arte e arquitetura de forma plena, incluindo aspectos como textura, dimensões, cor e outros traços que perdem força ou, às vezes, são até distorcidos em reproduções. Realizada entre os dias 13 e 26 de julho, a viagem incluiu, ainda, palestras, encontros e visitas guiadas com pesquisadores e profissionais que se dedicam a estudar temas relacionados a alguns desses locais.

No final de 2013, graduam-se os primeiros historiadores da arte com formação no curso oferecido pelo Instituto de Artes da UFRGS. Por isso, o JU acompanhou a intensa rotina da expedição planejada pelos professores Paula Ramos – coordenadora da Comissão de Graduação do curso – e Paulo Gomes, com apoio do produtor-executivo Flavio Gil, e traz, nesta edição do Caderno JU, um relato dos momentos mais marcantes dessa incursão pela arte e pela história. As fotos que acompanham esta reportagem são de autoria do acadêmico de História da Arte Diego Beck, responsável pelo registro visual das três viagens até agora realizadas. Nas imagens captadas pelas lentes do fotógrafo, flagrantes, detalhes e paisagens que, de alguma forma, sintetizam o que os olhos dos estudantes trouxeram depois de estarem na cidade cuja descrição sempre vai parecer superlativa àqueles que nunca lá estiveram, e insuficiente àqueles que já tiveram a oportunidade de deslumbrar-se com a urbe e o estado que se espriam ao redor da Baía de Guanabara.

Rio

de arte

TEXTO **EVERTON CARDOSO**

FOTOS **DIEGO BECK**

14 de julho

Um porto e o samba: não haveria elementos mais emblemáticos para iniciar uma incursão pela cidade do Rio de Janeiro. Por isso, o anúncio do produtor executivo da viagem Flavio Gil soou tão apropriado para iniciar o roteiro: “À esquerda ficam o Morro da Conceição e a Pedra do Sal. Ali surgiu o samba”. Os olhares do grupo imediatamente se voltaram para a Praça dos Estivadores, lugar em que viviam trabalhadores da zona portuária da cidade em outros tempos. Logo em frente, o conjunto de uma dezena de construções de fins do século XIX e início do passado impressiona os estudantes; mais atrás, o referido morro.

Adiante, deparamo-nos com o que, então, buscávamos: o sítio arqueológico onde se situam as ruínas do Valongo, uma enseada – hoje aterrada – da Baía de Guanabara na qual foi realizado, até o século XIX, o comércio de escravos. Como que em contemplação, todos se aproximaram do lugar, fotografaram – hábito este cultivado com afinco e constância por muitos dos participantes durante toda a viagem de estudos.

A visita seguiu pelo Museu de Arte do Rio, o MAR. O conjunto arquitetônico por si só impressiona: um palácio do século XIX e um edifício modernista que já abrigou a estação rodoviária da cidade estão hoje unidos por uma marquise ondulante de concreto. O grupo, impressionado com a estrutura da instituição, foi recebido pela gerente de conteúdo do MAR, Clarissa Diniz. Ela, então, explicou o funcionamento do museu: mais que um espaço expositivo, pretende oferecer formação a professores. “Nossa intenção é estabelecer laços estreitos com a comunidade que vive próxima ao museu”, acrescentou para começar a contar que, antes de ser aberta ao público, a instituição recebeu seus vizinhos para uma visita fechada.

Numa das exposições então em cartaz, *Rio de Imagens*, o objeto central eram as representações da capital fluminense: nela, o grupo procurou esquadrihar a geografia e a paisagem que depois veria pessoalmente. Entre obras de sessenta artistas, figuravam trabalhos do gravurista Oswaldo Goeldi, dos pintores Tarsila do Amaral e Ismael Nery, do fotógrafo Marc Ferrez, entre outros. Nos óleos sobre tela *Vista tomada de Botafogo* (1868), de Henri-Nicolas Vinet, e *Baía de Guanabara vista da Ilha das Cobras* (1828), de Félix Émile Taunay, chamavam a atenção de todos as vistas de outras épocas da paisagem por onde hoje se estende o Rio de Janeiro. Notável em muitas dessas pinturas era a presença constante da construção octogonal da igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, situada sobre o monte com vista para a praia do Flamengo e o Pão de Açúcar.

15 de julho

Contrariando as previsões mais pessimistas sobre a ida de metrô do grupo ao centro do Rio de Janeiro, todos conseguiram subir no mesmo trem e descer na mesma estação sem que ninguém se perdesse pelo caminho. Cumprida a missão, fomos ao Mosteiro de São Bento, onde nos aguardava o diretor de patrimônio do lugar, Dom Mauro Fragoso. A visita iniciou-se com um detalhado relato feito pelo religioso sobre o surgimento da ordem a que pertence e, também, sobre o processo de instalação dos monges, vindos da Bahia, na capital fluminense ainda no século XVI. Vestido a caráter com o típico hábito marrom dos beneditinos, Dom Mauro guiou-nos pela igreja dedicada a Nossa Senhora de Montserrat: ali, o monge apresentou a construção que contém elementos típicos dos estilos Barroco e Rococó e que começou a ser construída na primeira metade do século XVII. O rico interior com paredes preenchidas por talhas douradas que servem de moldura às imagens religiosas contrasta com a fachada austera em alvenaria branca e pedra. Talvez daí a surpresa de

quem entra. A estudante do Bacharelado em História da Arte Carolina Grippa chegou a ter a sensação de poluição visual, certamente consequência dos exageros típicos dos interiores barrocos. Ainda assim, a igreja pareceu-lhe bela e lembrou aquelas que visitara na viagem de estudos do ano passado às cidades históricas de Minas Gerais. “A Paula [Ramos] tinha avisado em aula que esta igreja era uma teteia”, divertiu-se com o vocabulário característico da professora.

Na sequência, seguimos para conhecer o impressionante Real Gabinete Português de Leitura, edifício em estilo neomanuelino – tipicamente português e decorado com elementos que remetem a grandes navegações e descobrimentos lusos. “É sublime. A quantidade de livros é maior que a que vamos ler em toda a vida”, admira-se o estudante Giordano Gil. A impressão do futuro historiador da arte, ao aproximar-se da fachada, era de que o interior também seria simples e sóbrio. Como acontecera no mosteiro, surpresa: impressionantes são as altíssimas estantes plenas de livros antigos, o colorido vitral do teto, as decoradas balaustradas dos mezaninos e tantos outros detalhes.

17 de julho

É significativo o apelido dado ao câmpus da Universidade Federal do Rio de Janeiro que fica na Ilha do Governador: conhecido como Fundão, está situado a cerca de 12 km do centro da cidade. Lá fomos apresentados ao Museu Dom João VI pela professora e pesquisadora Sonia Gomes Pereira. Vinculada à Escola de Belas Artes, a instituição museológica é, na verdade, uma espécie de reserva técnica visitável que contém um acervo de mais de oito mil peças, entre as quais gravuras, desenhos arquitetônicos, pinturas, esculturas e vitrais. “Em 1937, a parte da coleção da então Escola Nacional de Belas Artes que foi considerada mais nobre passou a constituir o Museu Nacional de Belas Artes. Uma parte menor, de caráter mais didático, continuou nas salas de aula e nos ateliês da Escola. Depois, formou o nosso acervo”, relata a pesquisadora. Sonia cativou os estudantes, tanto por conta de seu bom humor quanto pela sinceridade com que apresentou a instituição que coordena – sem esconder as dificuldades enfrentadas e os problemas ainda existentes, como a falta de pessoal e o apertado espaço físico.

A incursão à UFRJ continuou com uma palestra com o historiador da arte Carlos Terra. O também diretor da Escola de Belas Artes da universidade carioca, que estuda principalmente a história das paisagens construídas do Rio de Janeiro – jardins, praças e parques –, fez uma exposição cujo foco foram os principais espaços do gênero criados na cidade a partir do século XVIII, como o Campo de Santana, a Praça Paris e o Passeio Público. Este último, aliás, seria o primeiro destino no dia seguinte e o principal tema da palestra do pesquisador: feito no final dos anos 1700 a partir do projeto de um dos mais importantes artistas do período colonial brasileiro, Mestre Valentim, tinha inicialmente um traçado em estilo francês, com caminhos retilíneos e planos geométricos; um século mais tarde, o espaço foi remodelado a partir do desenho elaborado pelo paisagista francês Auguste François Marie Glaziou, agora em estilo inglês – mais romântico –, com caminhos sinuosos e elementos que remetam a uma natureza mais selvagem, tal como a ponte de concreto em forma de galhos de árvore. Carlos Terra chamou a atenção para dois elementos do projeto original de Valentim que sobreviveram a essa e a posteriores alterações e que ainda poderiam ser observados pelos estudantes: as duas características pirâmides de base triangular e a Fonte dos Amores. Nesta, destacam-se as esculturas de dois jacarés, únicos elementos remanescentes do projeto original, que incluía estátuas de ferro de aves pernaltas e de um coqueiro.



Partindo da imagem logo acima, em sentido horário: detalhe da decoração da Igreja Santa Cruz dos Militares; estátua do maestro Carlos Gomes em frente ao Theatro Municipal; vista da Baía de Guanabara a partir da Fortaleza de Santa Cruz, em Niterói; detalhe da estátua de D. Pedro II em Petrópolis; acervo de pinturas do Museu D. João VI, na UFRJ; imagem do Cristo Seráfico no altar da Igreja de S. Francisco da Penitência; exposição *Universo Bordallo Pinheiro*, no Oi Futuro Flamengo; vitral da claraboia sobre a escadaria principal do Theatro Municipal; e aula com professor Marcos Tadeu, do IPHAN, no Museu Nacional de Belas Artes





18 de julho

A pé, o grupo saiu de manhã para iniciar a jornada do dia visitando o Passeio Público e a Praça Paris. O objetivo era conferir o que ouvimos no dia anterior na palestra de Carlos Terra. Todos nos vimos à caça dos detalhes do patrimônio artístico apontados pelo pesquisador. Depois, rumamos ao centro da cidade para uma visita ao Teatro Municipal. Lá, nos aguardava Humberto Farias de Carvalho. Integrante do corpo docente do curso de Conservação e Restauração de Bens Móveis da UFRJ, o pesquisador chefiou as equipes que recuperaram as obras *Guerra e Paz*, de Candido Portinari, pertencentes ao prédio nova-iorquino da ONU, em 2011, e as pinturas artísticas de autoria de Eliseu Visconti no Municipal em 2009. E foi exatamente em razão desse trabalho que foi convidado a guiar-nos pelo edifício em estilo eclético inaugurado em 1909 e que já passou por diversos processos de recuperação. O trajeto incluiu algumas paradas para que Humberto fizesse comentários sobre o prédio e seu trabalho como restaurador.

Quando entramos na sala de espetáculos, os olhares de todos foram se elevando: primeiro, vislumbraram a boca de cena e, depois, direcionaram-se ao teto. Na superfície que encima a plateia, uma pintura aneliforme de autoria de Eliseu Visconti é o elemento que mais se destaca. “Apesar de parecer um afresco, é, na verdade, uma pintura executada com a técnica de *marouflage*”, apressa-se em esclarecer Humberto. Enquanto a primeira é executada pelo artista diretamente sobre o reboco fresco e é vista em vários edifícios notórios, como a Capela Sistina, a segunda pressupõe que o pintor execute seu trabalho sobre telas – que depois são fixadas sobre a superfície com uma cola específica. “É possível ver as emendas entre as oito telas usadas pelo artista”, aponta o restaurador. “Isso porque”, explicou ele, “Visconti usou uma tinta diferente para fazer os retoques. Ele queria que a pintura parecesse única em toda sua extensão”.

Assim, na *Dança das horas* – que contém influências do Impressionismo e do Pontilhismo –, o artista buscou que as quase duas dezenas de figuras femininas que representam os diversos momentos do dia parecessem estar brincando de roda. Após detalhar questões relacionadas ao estilo da pintura e ao processo de restauro, Humberto revelou que, ao fazerem a recuperação do friso que fica sobre o proscênio – parte que encima a boca do palco –, descobriram haver, por detrás da pintura côncava ora visível, outra plana, com a mesma temática. “Está lá trás, intacta”, sublinhou.

Depois, a visita seguiu pelo foyer e pelas salas contíguas. “O responsável pelo douramento era um francês. Ele trabalhava muito rápido”, relatou o restaurador, enquanto gesticulava para mostrar a agilidade do profissional. Segundo Humberto, houve críticas à forma como o trabalho foi executado, principalmente pelo tom que o douramento assumiu. “Muitos especialistas criticaram por ser brilhante demais. Esperavam um aspecto mais próximo do envelhecido”, aclara. Essa mesma impressão se mantém ao se ver a águia que encima, do lado externo, a cúpula principal: a escultura – antes recoberta por uma camada negra – agora reluz no horizonte do centro da cidade. “Foi uma pena não termos visto o pano de boca”, lamentou o estudante Diego Beck. Ele se referia ao painel que normalmente fica escondido do público por estar atrelado à porta de ferro que isolaria o palco da plateia em caso de incêndio no teatro. Desenvolvido também por Visconti a partir do tema ‘a influência das artes sobre a civilização’, o mural é um óleo sobre tela cujas dimensões impressionam: 12m de altura por 16m de largura.

Encerrada a incursão pelo Municipal, numa mudança completa de estilo arquitetônico, fomos ao Palácio Capanema, símbolo do modernismo no país. Com projeto de uma equipe de arquitetos que incluía nomes como os de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, o edifício foi construído entre os anos 1930 e 1940 para abrigar o Ministério de Educação e Saúde. Conhecedor da obra de Cândido Portinari, Humberto, então, guiou-nos pelo primeiro piso para apresentar-nos aos painéis ali pintados pelo artista para decorar o salão que recebeu seu nome e a outros ambientes.

20 de julho

Após um início de sábado com uma incursão pela Floresta da Tijuca para visitar a parte da Coleção Castro Maia preservada no Museu Casa do Açude, a jornada seguiu pelo Museu Histórico Nacional. Anunciado pelos professores Paulo Gomes e Alfredo Nicolaiewsky como uma instituição exemplar, o MHN impressionou os estudantes. Organizado cronologicamente, o acervo está ordenado em quatro exposições que pretendem sintetizar a história nacional: *Oretama* (sobre o Brasil anterior à chegada dos europeus), *Portugueses no mundo* (de 1415 a 1822), *A construção da nação* (de 1822 a 1889) e *A cidadania em construção* (de 1889 a atualidade). “É uma imersão na história por meio dos sentidos. Não só pela visão das peças, mas pela música. Lembro que na sala do Barroco tocava Bach”, relatou a estudante Semíramis Bastos. “Uma experiência extraordinária. Deu pra ver a competência de quem concebeu esse museu”, disse ao avaliar o projeto expográfico.

Outro ponto que chamou atenção dos estudantes, e onde se detiveram por mais tempo durante a visita, foi a reconstituição da Farmácia Teixeira Novaes, com seus móveis e utensílios originais. Na ambiência, que tinha até a fachada plena de portas em arco típica das casas de comércio de antanho, a trilha sonora imitava a programação de uma rádio com peças publicitárias e músicas que juntavam Biotônico Fontoura e Carmem Miranda. “Era um cenário completo. Mostra bem a época e nos faz meio que viajar ao passado”, rememorou a estudante Camille da Silva.

23 e 24 de julho

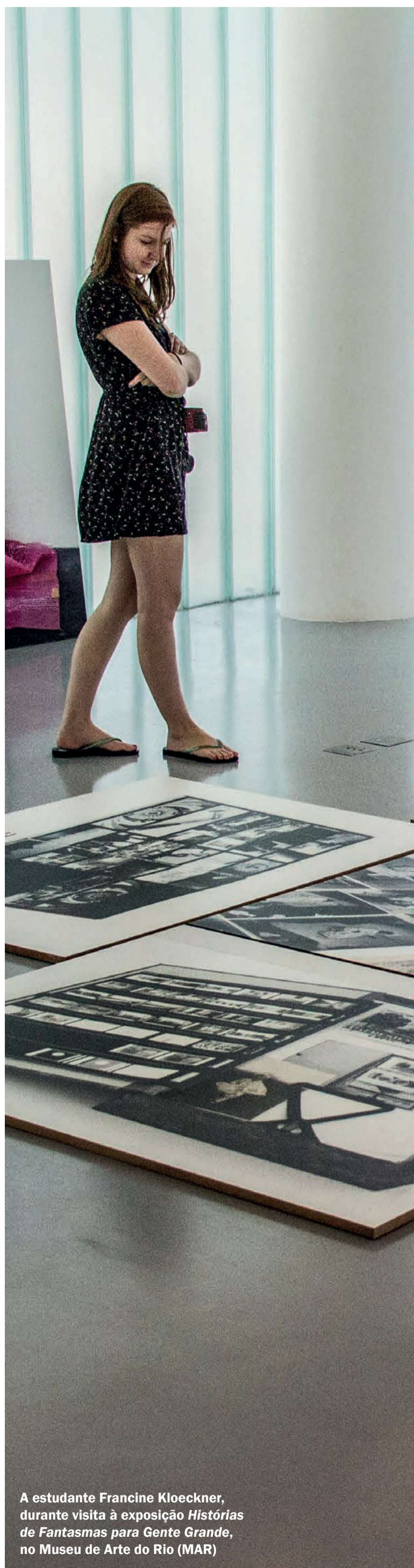
Transcorridos nove dias de andanças por ambientes urbanos do Rio de Janeiro, de Petrópolis e de Niterói, saímos cedo para um circuito de visitas a fazendas que, no século XIX, eram produtoras de café. Do bairro da Glória partimos para o Vale do Paraíba, situado no sul do estado do Rio de Janeiro, próximo tanto da divisa com São Paulo quanto da com Minas Gerais. A proximidade com esse último, aliás, explica muitos traços da gastronomia do lugar: descrita como ‘comida da roça’, é farta em torresmos, galinhas (como a receita ao molho pardo), feijão (principalmente na versão ‘tropeiro’), entre outras iguarias caipiras.

A primeira parada foi na fazenda Santo Antônio do Paiol, pertencente hoje à ordem religiosa católica Filhos da Divina Providência. Na casa construída em meados do século XIX e doada à ordem pelos herdeiros dos proprietários originais, há, no porão, uma espécie de museu organizado pela família; no piso superior, as peças mantêm algo do mobiliário original e recriam com bastante fidelidade a ambiência do século retrasado.

Já na Fazenda São João da Prosperidade, visitada no segundo dia da incursão pela região produtora de boa parte da riqueza do Brasil no século XIX, a experiência foi diferente: recebidos pela proprietária Magid Muniz devidamente caracterizada como uma sinhá de outrora, provamos cachaça produzida na fazenda, almoçamos e visitamos a casa-grande. Diferentemente da anterior, esta pouco mantém dos objetos originais de seu interior. Foi possível, no entanto, conhecer bem a típica arquitetura das residências dos barões: divididas em dois blocos, possuíam uma ala mais íntima, onde ficavam quartos, cozinhas e salas de estar menores, e outra mais pública, na qual se situavam os salões, os gabinetes e a famosa alcova – quarto sem janelas onde eram hospedados os mascates e cuja porta era trancada pelo lado de fora, já que esses comerciantes-viajantes eram estranhos ao ambiente familiar.

Por fim, visitamos a Fazenda Vista Alegre, mas esta já bastante desfigurada em seu interior. “Foi dessa região que saiu o poder econômico que possibilitou tudo o que vimos lá na capital”, enfatizou a professora Paula Ramos para justificar a inclusão da visita a essas fazendas no roteiro. Houve quem protestasse por elas representarem uma sociedade escravocrata. Mas a professora reforçou: “Retratam uma época importante da história do país”.

Treinamento para **ver**



A estudante Francine Kloeckner, durante visita à exposição *Histórias de Fantasmas para Gente Grande*, no Museu de Arte do Rio (MAR)

“Dá muito trabalho organizar uma viagem, pensar o roteiro, conciliar as diferenças”, avalia a professora Paula Ramos, que coordena a Comissão de Graduação do Bacharelado em História da Arte. A experiência de, anualmente, realizar expedições de estudos vem, segundo ela, desde os tempos em que trabalhava como docente da Uniritter: “O Paulo Gomes e eu, quando entramos na UFRGS, já tínhamos um histórico de organização de viagens desde 2003”. “Nada substitui essa experiência”, assevera. Para a pesquisadora, a intenção era que essas viagens se tornassem uma característica da graduação oferecida pela Universidade.

Em 2011, a expedição foi realizada na metade meridional do Rio Grande do Sul; em 2012, por Minas Gerais, incluindo Belo Horizonte, Inhotim – hoje, um importante centro de arte contemporânea pelo museu que abriga – e, claro, pelas cidades históricas do período colonial brasileiro; neste ano, então, a saída foi para o Rio de Janeiro. De acordo com Paula, o nome dado às viagens é significativo e sintetiza os objetivos: *Arte, cultura e patrimônio em...* “Procuramos discutir não só artes visuais, mas ter vivência em teatro, música e outras produções artísticas. Há sempre um contato com a paisagem, a gastronomia, as questões locais e com o patrimônio de um modo ampliado”, explica. Além disso, outro tema sempre abordado é a relação entre aspectos econômicos e a arte. Daí as visitas a fazendas de café no Rio de Janeiro.

“Foi uma viagem incrível”, avalia a professora. “Às vezes”, reflete, “fico pensando se os alunos têm a dimensão exata do que estão vivendo. Acho que não.” Para o professor Paulo Gomes, isso se deveria a uma falta de familiaridade dos estudantes com as pessoas e os locais de referência com os quais têm contato durante essas viagens. “Não temos muito como dimensionar. Nossa preocupação maior é proporcionar”, observa. Ao que Paula imediatamente acrescenta: “Nunca tive nada parecido na minha graduação”. Na Universidade, houve experiências semelhantes a essa em outros tempos.

Bastante lembradas são as viagens realizadas pelo professor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS Julio Curtis. Nessas excursões de dois meses, o grupo viajava pelo Brasil todo de ônibus para conhecer o patrimônio nacional. As ambiciosas expedições, no entanto, aconteceram apenas até

os primeiros anos da década de 1970. Ainda, há registros fotográficos de viagens em conjunto realizadas por estudantes do IA em meados do século passado. “Era mais uma visita a lugares”, esclarece Paula. “Não era efetivamente de estudos. Hoje, oferecemos palestras, é um curso de extensão em movimento”, completa. Paulo Gomes percebe, ainda, que, para os estudantes, as excursões têm um caráter festivo: “É bom que seja assim. Se encarassem como um semestre, talvez nem fossem”.

Entre os principais aprendizados pelos estudantes durante as expedições, os professores acreditam que está o estabelecimento de parâmetros de avaliação da arte, dos profissionais e, sobretudo, das instituições, formado a partir do contato que têm durante as visitas. “Eles ouvem profissionais dedicados e apaixonados e que falam das coisas com energia. Isso cria uma expectativa em relação ao que os alunos verão dali adiante”, diz Paulo para enfatizar o quanto isso pode elevar o padrão de exigência dos acadêmicos. Para a professora Paula Ramos, essa seria uma forma de os estudantes desenvolverem o pensamento crítico e, assim, serem profissionais mais competentes.

Numa viagem de estudos cujo roteiro era bastante intenso, os deslocamentos pela cidade, as visitas a diversos lugares num mesmo dia e as conversas e visitas guiadas com pesquisadores que se dedicam a estudar o patrimônio com o qual os estudantes tinham, então, contato deram a impressão de uma sequência de treze dias de atividades muito intensas. Na avaliação de Paulo Gomes, talvez tivesse sido necessário dar mais tempo aos estudantes para simplesmente olharem. As explanações poderiam, na opinião dele, ter vindo após o primeiro contato visual. “Eles têm de aprender a sentir os lugares. Demos o melhor possível, mas é fundamental que as pessoas tenham tempo para ver com calma”, pondera. Isso porque, na avaliação do docente, os graduandos precisam treinar seus olhares para que sejam menos imediatistas – característica essa percebida, por exemplo, na ânsia de fotografar lugares e objetos antes mesmo de vê-los mais demoradamente. “Preocupo-me em sermos mais efetivos, avalia o professor.” Ele, porém, faz questão de enfatizar: “A viagem foi excepcional em todos os aspectos, tanto do ponto de vista técnico e pedagógico como pela experiência em si”.

Acho que um dos locais que marcou foi o Museu Nacional de Belas Artes. Porque lá estão vários trabalhos da arte brasileira que nós estamos acostumados a ver e falar sobre, mas apenas por meio de reproduções. Estar lá me trouxe uma estranha sensação de conhecê-los e vê-los pela primeira vez, mas, ao mesmo tempo, de estar reencontrando velhos amigos.

Rafael Costa, 8.º semestre

Nas viagens podemos ver ao vivo, sentir e presenciar as construções, telas e museus que são importantes para nossa graduação. Se fôssemos sozinhos ao Rio, não teríamos contato com os professores e pesquisadores com os quais tivemos nessa viagem.

Carolina Grippa, 3.º semestre

Foi possível observar diversas formas de apresentar e trabalhar com a arte, possibilitando comparações entre esses locais e também com os equipamentos culturais disponíveis na nossa cidade.

Elvio Rossi, 8.º semestre

Para mim, foi uma avalanche de locais importantíssimos na História da Arte do Brasil. Saí iluminada e com várias ideias para projetos.

Vera Py, aluna especial

A viagem foi incrível e serviu para analisarmos mais concretamente o nosso objeto de estudo: a arte. Quando estudamos, nos mantemos bastante distanciados, e poder ver as obras e os lugares históricos do Rio de Janeiro tornou tudo muito real.

Camille da Silva, 7.º semestre